



## Três Nuances de Cinquenta Tons de Cinza: Breves Análises dos Pontos de Vista da Comunicação, da Sociologia e da Psicanálise<sup>1</sup>

**Maria Lucia Homem<sup>2</sup>**

USP

**Monica Rugai Bastos<sup>3</sup>**

FAAP

**Tatiana Amendola Sanches<sup>4</sup>**

UNICAMP

**Resumo:** Este artigo tem como objeto de análise a trilogia iniciada com o best-seller *Cinquenta tons de cinza*, escrita por E. L. James e lançada em 2011, composta pelos volumes: *Cinquenta tons de cinza*, *Cinquenta tons mais escuros* e *Cinquenta tons de liberdade*. O artigo traz reflexões sobre os livros enquanto produtos da cultura midiática e seus diálogos com os estudos de comunicação e cultura contemporâneos, a sociologia e a psicologia. Opera sob pontos de vista de diversos autores, como Bauman, Honneth, Illouz, Giddens, Lacan e Thompson, que são referências nas reflexões da comunicação, promovendo debate sobre consumo, sexualidade, *self* e sobre a literatura *soft porn*.

**Palavras-chave:** Cinquenta tons de cinza; consumo; cultura midiática.

### 1. O Pornô *Soft* do Casal 50

Uma rede de hotéis britânica chamada Damson Dene<sup>5</sup> adotou uma inusitada estratégia de marketing durante as olimpíadas de 2012 em Londres: trocar as Bíblias deixadas nos quartos pelo grupo religioso Gideões Internacionais, que normalmente

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 06 Comunicação, Consumo e Subjetividade, do 4º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 08, 09 e 10 de outubro de 2014.

<sup>2</sup> Maria Lucia Homem. Pós-graduação em Psicanálise e Estética (Universidade de Paris VIII / Collège International de Philosophie e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP) e professora (FAAP). E-mail: [mlhomem@gmail.com](mailto:mlhomem@gmail.com)

<sup>3</sup> Monica Rugai Bastos. Doutora em Sociologia (FFLCH/USP) e professora de Política cultural e mídia (FAAP). E-mail: [mrugaibastos@gmail.com](mailto:mrugaibastos@gmail.com)

<sup>4</sup> Tatiana Amendola Sanches. Doutoranda em Ciências Sociais (UNICAMP), Mestre em Comunicação e Cultura (University of London) e professora (FAAP). E-mail: [tatianamendola@gmail.com](mailto:tatianamendola@gmail.com)

<sup>5</sup> The Huffington Post, disponível em [http://www.huffingtonpost.com/2012/07/24/fifty-shades-of-grey-replaces-bible\\_n\\_1699665.html](http://www.huffingtonpost.com/2012/07/24/fifty-shades-of-grey-replaces-bible_n_1699665.html), acesso em 01/08/2014.



se encontram em gavetas de criados-mudos de hotéis, por uma opção um pouco menos, diríamos, canônica. A nova atração dos criados-mudos é o livro *Cinquenta tons de cinza*. Com mais de 65 milhões de cópias vendidas no mundo todo, o livro foi escolhido como um bom substituto da Bíblia, segundo o proprietário do hotel Jonathan Denby.

O livro conta a estória de uma relação amorosa entre uma estudante recém formada em letras chamada Anastasia Steele e um empresário milionário chamado Christian Grey. O romance inicia com a proposta de uma relação sadomasoquista feita por Christian à Ana que, depois de alguns orgasmos, um Macbook Pro, um Blackberry e um Audi, resolve ceder aos encantos do dominador. A trama acontece em três volumes – *Cinquenta tons de cinza*, *Cinquenta tons mais escuros* e *Cinquenta tons de liberdade*. Ao longo da história, o personagem Grey revela que seu gosto por sadomasoquismo provem de uma infância perturbada, marcada pela violência e pobreza, justificando sua “anormalidade”. A personagem de Ana mostra compreensão com seu namorado, entendendo suas demandas por sexo e dominação como frutos de sua vida sofrida. Tudo termina com um típico final feliz – casamento e filho - marcado por uma relação amorosa quase água com açúcar, talvez apenas um pouquinho mais apimentada que qualquer comédia romântica de sessão da tarde.

As estratégias de marketing inspiradas nos *Cinquenta tons* não param na rede de hotel acima citada. Outros hotéis também se aproveitaram da situação para atrair hóspedes. É o caso do hotel Max e do hotel Edgewater, ambos em Seattle (EUA), que criaram pacotes para que os hóspedes vivenciem experiências similares as do casal. Alguns desses hotéis prometem experiências bem fiéis ao livro, como por exemplo uma garrafa do *champagne* Bollinger Grande Annee Rose 1999, favorito do personagem Grey.



Os livros da trilogia são um fenômeno: surgiram de uma *fan fiction*<sup>6</sup> da série de livros e filmes *Crepúsculo* e hoje ganham expressividade crescente na cultura midiática, alimentando expectativas em torno dos prometidos filmes que saciarão os desejos de milhares de fãs de ver Grey em ação. *Fan films*, discussões em blogs, entrevistas e debates em programas de televisão e outras *fan fictions* vão surgindo enquanto isso. O mundo do *Casal Tons* invadiu o mercado de consumo e comunicação, refletindo desejos, permeando imaginários e produzindo os sentidos com os quais as pessoas alimentam suas vidas cotidianas.

Este artigo terá essa trilogia por objeto e parte da premissa de que os livros são produtos da cultura midiática, ou seja, de um ambiente cultural envolto pelos produtos dos meios de comunicação. Cabe lembrar que o conceito de cultura é entendido aqui num sentido amplo, dentro de um diálogo com os Estudos Culturais, que pensa a cultura como modo de vida e não faz distinções qualitativas *a priori* entre cultura alta, baixa e média. A cultura midiática, assim, é pensada como o ambiente cultural fruto das complexas produções dos meios de comunicação, contextualizada e compreendida dentro dos modos de vida que a circundam. Duas impressões iniciais se colocam.

Em primeiro lugar, pode-se pensar a troca simbólica da Bíblia por um *best seller* como uma bela metáfora da radicalização da modernidade e do avanço da modernidade reflexiva (GIDDENS, 1991), consequência da ruptura que marca a passagem das sociedades tradicionais para as sociedades modernas. O hotel, ao trocar a Bíblia – símbolo de tradição – por um *bestseller* da literatura contemporânea, evidencia a importância assumida pelos produtos culturais na produção de sentido que permeia a vida cotidiana dos indivíduos no mundo contemporâneo. Nossos *selves* são, segundo essa linha de pensamento, mais reflexivos e mais abertos. Podemos fazer o que quisermos, o que não é nada fácil. Os produtos culturais midiáticos cumprem aqui

---

<sup>6</sup> *Fan Fictions* (Ficções de Fãs) são histórias escritas por fãs de narrativas de ficção e publicadas online em blogs, sites e redes sociais. No caso dos Cinquenta tons, por exemplo, vários pequenos *fan films* (filmes feitos por fãs) foram produzidos antes mesmo do início da filmagem do filme oficial.



a função amparadora de fornecer o material simbólico com o qual as pessoas constroem seus *selves*, sua identidade e buscam reconhecimento.

Em segundo lugar, o livro E. L. James - que vem sendo classificado dentro de categorias como *soft porn*, pornô pop ou mesmo *mommy porn*<sup>7</sup> - parece permeado de afeto e moralismo, e seu sucesso parece estar ligado ao fato de que é, antes de tudo, mais do que sobre uma relação sadomasoquista, sobre a busca de amor, e portanto fonte de educação sentimental. O personagem Christian Grey, em determinado momento da narrativa diz à Anastasia: “I don’t make love, I fuck, hard.”. Muito embora essa frase possa soar como um certo abandono de uma narrativa amorosa romântica, percebe-se ao longo da leitura que o que o casal faz é sim permeado de amor. E se há algo pornô nessa trama toda, é um pornô *soft*, nada *hard*.

Segundo May (2011), o lugar que o amor ocupa no mundo contemporâneo parece ser o já ocupado pela religião, em grande parte da nossa história ocidental: ser incondicional, benevolente, harmônico, eterno, perfeito e reconciliador. Ou seja, para o autor, a fé no amor como forma de salvação vem de uma percepção histórica que via o divino como origem do amor humano a ser imitado e que, paradoxalmente, justamente pela queda na fé religiosa que permeia alguns grupos sociais específicos, atribui ao amor o lugar do divino.

A busca do amor como salvação e redenção não se faz nova nos produtos da cultura midiática e as narrativas parecem se repetir. Podemos citar um outro casal famoso das séries de televisão: o Casal 20, ou *Hart to Hart*<sup>8</sup>. Jonathan Hart era um *self-made-man*, milionário como Christian; Jennifer Hart, uma jornalista; Ana Steele, uma revisora. O *Casal 20* e o *Casal 50* tem muito em comum. Na série dos Hart havia um *chauffeur* que cuidava do casal. Na estória dos Grey, há Taylor, que também é o

<sup>7</sup> Tais termos vem sendo usados para produtos que se aproximam levemente do mercado pornográfico. Ou seja, o livro, nesse caso, não seria exatamente literatura pornô, mas literatura com elementos pornográficos em uma versão mais contida, que poderia ser lida “inclusive pelas mães”.

<sup>8</sup> O nome da série em inglês brinca com o sobrenome dos personagens e a expressão “heart to heart”, já que a pronúncia de Hart (sobrenome do Casal 20) é muito próxima da pronúncia da palavra Heart (coração em inglês). “Heart to heart” é uma expressão que pode ser usada para designar uma conversa franca, sincera, com o “coração nas mãos”.



*chauffeur*, e que passa a maior parte do tempo protegendo o casal. O *Casal 20* buscava apimentar um relacionamento cotidiano com tramas policiais, o *Casal 50* pretende apimentar o relacionamento com sexo *soft* sadomasoquista.

Os 30 anos que separam o *Casal 50* do *Casal 20* não parecem indicar transformações significativas na forma de abordar as relações amorosas, embora haja tanta polêmica em torno dos *50 Tons*. O que muda é apenas o elemento fantasioso da relação: vamos do perigos que circundam o mundo do crime aos perigos que circundam o mundo BDSM (Bondage & Discipline, Dominance & Submission, Sadism & Masochism<sup>9</sup>). Ambos apontam para um lugar de destaque nas narrativas amorosas ficcionais de sucesso contemporâneas.

Como acima colocado, os leitores do *best-seller* constroem seus *self* amparados no conteúdo simbólico oferecido pelo livro, drenando material simbólico da narrativa das mídias para reelaboração e manutenção das suas próprias biografias. Ana Steele é uma menina recém formada e imatura que pode ser caracterizada como detentora de um “self-under-construction<sup>10</sup>” que encontra um “self-made-man” e milionário disposto a solucionar seus problemas e ajudá-la a construir sua identidade da forma mais sedutora possível. Ele oferece a ela e a todas os leitores a solução para os seus problemas. Assim, não é apenas Mrs. Steele que se apaixona, mas todas as leitoras do livro: há casos de mulheres que se divorciaram após a leitura do livro<sup>11</sup>, ao se darem conta que desejavam um marido com uma “pegada” um pouco mais dominadora.

A narrativa implica em inúmeras consequências problemáticas para o sujeito, especialmente a impactante intrusão mediada de mensagens ideológicas / publicitárias e a consequente absorção viciada do leitor (THOMPSON, 2012). Assim, os materiais

<sup>9</sup> Em português: Bondage & Disciplina, Dominação & Submissão, Sadismo & Masoquismo.

<sup>10</sup> Uso a expressão para brincar com a ideia de “self made man” e me referir a uma pessoa ainda não madura.

<sup>11</sup> Ver <http://www.cinquantatonsdecinzabr.com/2012/11/confira-historias-sexuais-de-pessoas.html> e <https://www.facebook.com/cinquantatonsdecinzabrazil?fref=ts>, acesso em 09/08/2014.



simbólicos mediados podem deixar de ser simplesmente um recurso para o *self*, mas sua preocupação central (THOMPSON, 2012).

O que explicaria, então, o sucesso de uma estória tão banal e ordinária é em grande medida a inserção da literatura pornô pop de *Cinquenta tons* dentro do que autores como Illouz (2011) e Furedi (2004) – ainda que de pontos de vista diferentes - apontam como um contexto em que a cultura popular e o entretenimento assumem papel de terapia, oferecendo possibilidades respostas para os problemas dos leitores.

Como coloca Illouz (2012), um best-seller pode ser definido pela sua capacidade de dialogar com nossa experiência social em três aspectos centrais: os best-sellers falam de algo familiar à nossa experiência social, apresentam algo problemático ou dificultoso dessa mesma experiência; e finalmente oferecem uma solução simbólica ou fantasiosa à esse problema. Em *Cinquenta tons de cinza* temos esses três elementos: os temas amor e sexo que nós são familiares; as dificuldades que envolvem o amor e o sexo – o que homens e mulheres querem quando estão juntos? -, e finalmente, o terceiro elemento: o contrato sadomasoquista que simbolicamente resolve os problemas do casal. Ou seja, a questão de como conciliar os desejos de um e de outro no mundo contemporâneo em que o individualismo impera é resolvida pelo contrato-fantasia BDSM.

Para Dryer (2002), se o entretenimento clássico bebia na fonte do exótico, excepcional e utópico; o entretenimento de hoje está cada vez mais próximo das realidades dos consumidores (DRYER, 2002). No caso dos *50 Tons* não há de fato algo transgressor e exótico no sexo narrado, mas ao contrário, há justamente uma proximidade com a vida cotidiana e busca de prescrição terapêutica para a mesma. Os leitores querem fantasiar soluções de *50 Tons*: acompanham o processo terapêutico de descoberta das razões que levam Grey a ser o que é, compreendem e legitimam sua postura dominadora. O último livro da trilogia chama-se *Cinquenta tons de liberdade*, o que não deixa de ser irônico, já que é justamente essa liberdade mesma que parece não existir. Encontramos no livro a fantasia perfeita de um homem poderoso,





dominador e lindo que daria tudo que tantas Anas querem: alguém que escolha por elas, que lhes dê o sapatinho de Cristal e que realize o sonho de transformação da Gata Borracheira em uma Mrs. Grey bem vestida, rica e dotada de uma vida sexual incrível. Decorre que o pornô se torna *soft*, cumprindo o papel da fantasia solucionadora dos problemas que atravessam a vida amorosa dos leitores. E assim vivemos felizes para sempre no mundo do que aqui está sendo chamado de best-sellers-divã da cultura midiática contemporânea.

Em seguida, o artigo buscará explorar melhor algumas outras nuances dos problemas supra citados: as dimensões sociológica e psicanalítica.

## 2. Os Tons da Violência

Anastácia Steele (Ana) conclui, em um momento da narrativa, que seu relacionamento amoroso com Christian Grey é insatisfatório. Apesar de ter sido espancada pelo amante, busca justificá-lo, e assume sua própria “incapacidade” de atender às “carências” dele. Ainda que o gesto de Ana suscite outras reflexões, discutiremos propriamente o tipo de relacionamento construído por Steele e Grey sob a luz da Sociologia.

Segundo Honneth (2003, p. 210), atualmente, há uma tentativa de busca pelo reconhecimento da individualidade nas relações sociais, tanto pessoais, como jurídicas e institucionais. Essa busca de reconhecimento estaria presente inclusive nas relações amorosas, ou de amizade; os indivíduos seriam reconhecidos na medida em que amados, estimados. E as formas frequentes de desrespeito nessas relações se traduziriam em maus-tratos e violações.

No livro, a narrativa é em primeira pessoa, o que, de alguma forma, indica uma busca de reconhecimento. Ana Steele conta sua experiência de relacionamento amoroso, evidenciando, no seu discurso, pouco conhecimento sobre sua sexualidade, além de uma baixa autoestima. Revela-nos também que quer ser amada, na verdade;



há, de alguma forma, um “quer mais”. Pode-se apenas supor o que significa “mais”, uma vez que a relação sugerida por Grey é um jogo sexual sadomasoquista, no qual ele seria o “dominador” e ela a “submissa”. Apesar de aparentemente aceitar fazer parte do jogo, Ana sente-se humilhada, perde o pouco respeito que tinha por si mesma, e tem sua integridade física – e a psicológica – ameaçada.

Percebe-se a insegurança da personagem toda a vez que se refere a si mesma. Compara-se à amiga com quem mora, sentindo-se feia e desajeitada. A amiga Kate é rica e linda, assim como Grey. Os dois parecem sentir-se confortáveis em/com seus corpos, o que se torna a característica invejada por Ana. Para ela, o “conforto com seus próprios corpos” revela-se na postura elegante, na sinuosidade dos movimentos que lhes atribui graça e sensualidade e no fato de parecerem adequados nas diversas situações sociais a que são submetidos. Ana, pelo contrário, sente-se constantemente inadequada. E, nos raros momentos em que se sente bela e sedutora, usa as roupas de Kate. Torna-se dependente de outros para construir sua segurança. Em todos os comentários sobre si, Kate e Grey, fica subentendido que a adequação dos dois está diretamente ligada às condições sociais diversas das suas. Bourdieu associa o gosto ao estilo de vida e à condição de classe (1983, pp. 82-83).

Apesar de definir-se como descolada e desencanada com relação às roupas, ao carro, ou ao consumo, a personagem gosta e usufrui do conforto proporcionado pelo dinheiro. Não é de causar espanto sua admiração à posição social de Grey, e que aceite, apesar da inicial relutância, todos os presentes dados por ele. Esses presentes são reconhecidos pelas marcas que ostentam, o que revela sua propensão ao consumo, disfarçada durante os anos de faculdade. Segundo Bauman, “tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fada” em uma sociedade de consumidores (2008, p.22).

Christian Grey representa a sociedade de consumidores a que Bauman se refere (2008, p. 71) na medida em que promove e estimula a escolha de um estilo de vida que busca exclusivamente o prazer, advindo do sexo e do consumo. Ana torna-se uma





mercadoria cobiçada e, por meio de outras mercadorias, Grey se aproxima dela. O contrato referendado nessa troca permite que se apodere dela por meio da obediência incondicional. Ele não quer ser amado, mas obedecido, e em nenhum momento isso muda. Ela o justifica por meio de chavões e clichês psicanalíticos, mas o domínio sobre ela se revela em todos os movimentos de Grey, mesmo naqueles que, aparentemente, são confundidos com cuidados: ciúme doentio e controlador, vigilância constante e provimento de mercadorias não requisitadas, mas apreciadas.

Muito embora o livro procure mostrar uma tentativa de reconhecimento do outro como ser autônomo e independente, digno de um relacionamento puro (GIDDENS, 1993, p. 69) isso jamais acontece. Ana é a típica mulher “controlável” segundo os padrões masculinos: como já foi apontado tem baixa autoestima, além de pouca experiência afetiva e nenhuma experiência sexual. Grey lhe parece, afetiva e psicologicamente, muito mais velho do que realmente é.

Christian diz querer assumir o provimento de Ana, por ser rico, mas isso significa controle e exercício de poder sobre ela. Interessante observar que o sucesso do livro talvez esteja nisso: o controle por meio do sexo e do consumo. A personagem fica em dúvida sobre o quanto pode aceitar essa relação, que não lhe parece inaceitável pela sua característica de dominação permanente, pela violência inserida nos contatos, sejam sexuais, sejam de outra natureza. A necessidade de punir de Grey está na natureza da relação. Grey parece acreditar que se trata de um “jogo” do qual os dois podem extrair prazer. Na verdade, trata-se de uma relação violenta que ele finge controlar. A violência exercida como forma de poder sobre outra pessoa só se sacia pela obediência, mais que isso, pela crença na obediência do outro. Logo, a desobediência real ou percebida como tal será sempre punida. O executor da punição desejará a submissão absoluta do outro. Quando isso não acontece, o grau da violência aumenta.

Segundo Giddens (1993), as sociedades modernas experimentaram uma séria transformação nas formas da intimidade humana. Vários foram os fatores que levaram



às mudanças no casamento, nas relações sexuais e afetivas. Isso significou alterações nas expectativas a respeito da intimidade, nem sempre acompanhadas pelos indivíduos. De forma diferente, Honneth afirma (2003) que houve uma modificação no formato dos conflitos sociais. Os dois teóricos, de diferentes maneiras, apontam para a construção de uma sociedade na qual as vontades, as buscas foram se modificando e as individualidades precisam ser compreendidas pelos sujeitos sociais e políticos. No sentido apontado pelos autores, os relacionamentos sociais estão baseados nesse reconhecimento ou entendimento dos grupos sociais e dos indivíduos. Na medida em que isso não é possível, os conflitos apareceriam nas relações interpessoais.

Ora, ao tratar dos relacionamentos atuais, a literatura aponta para os conflitos e confrontos entre indivíduos com vontades diferenciadas, com expectativas diversas. Tais confrontos ocorrem nas relações de trabalho, nas amizades, nas famílias e nas relações amorosas. Na medida em que as transformações se operam, como saber qual é o comportamento esperado? Sem manuais de conduta, alguns textos – científicos, técnicos e literários – acabaram servindo como parâmetro. O material produzido pela indústria cultural, até por sua disseminação, acabou ocupando esse papel mais recentemente. Logo, *Cinquenta tons de cinza*, embora, aparentemente, um elemento de diversão e leitura descompromissada, acaba por tornar-se uma fórmula de busca de prazer. Nesse sentido, ocorre a banalização da violência em uma relação amorosa.

As descrições das personagens de *Cinquenta tons de cinza* parecem perfis de internet, como Illouz explica, isso permite, de certa forma, a criação da fantasia sobre o outro (2011, p. 136). Talvez seja esse elemento que “distraia” o leitor, apontando para as “possibilidades” da relação e não para suas “impossibilidades”. Fica mais fácil ver Grey como um homem “atento às necessidades da parceira” – ainda que isso só se expresse por meio de presentes caros – do que um homem “controlador, possessivo e dominador”. Talvez a partir dessa constatação, se possa entender, ao menos parcialmente, a percepção de Grey como “o provedor”, e sua idealização. O que pode



ser, de certa forma, não uma justificativa, mas uma atenuante para seu comportamento violento. O provedor tudo pode. Trata-se de traço marcante numa sociedade em que persistem elementos patriarcais.

Considerando os apontamentos de Bauman sobre a sociedade de consumo (2008), Grey aparentemente antecipa os desejos de Ana, fornecendo prazer por meio das mercadorias e serviços de qualidade que o dinheiro pode comprar. Como se constata imediatamente, Ana não tem uma personalidade reflexiva, embora no livro pareça “pensar” sobre o que lhe acontece. Seu pensamento parece buscar explicações sobre os acontecimentos e atitudes, mas em nenhum momento parte para a análise/reflexão sobre sua própria conduta, comportamento e sentimentos. A busca por aprovação social a transforma em um ser totalmente dependente dos outros.

Há claramente um mecanismo de compensação na relação: ele provê mercadorias e segurança, ela entra em seu “jogo”. Essa aparente “troca” pode enganar o leitor. Na verdade, Ana fica constrangida em alguns trechos do livro porque “gosta do que deveria rejeitar”. No entanto, como a personagem não se constrói de forma reflexiva, em nenhum momento desenvolve a ideia do motivo por trás da rejeição. Aparentemente é apenas um conflito moral entre sua formação convencional e uma proposta sexual “libertadora”, segundo a visão criada por Grey.

Esse manifesto ilusório de E. L. James em sua trilogia: sexo pode libertar. Não é propriamente o que os especialistas percebem (GIDDENS, 1993): as coisas não podem ser simplificadas dessa maneira. Sexo pode escravizar também. E a proposta de Grey traz de forma explícita a submissão à vontade do outro, com o objetivo de obter prazer. No sentido proposto por Grey, não se trata da perversão das formas sexuais estabelecidas, ou o rompimento do comportamento moral, mas o retorno ao reino do domínio sexual masculino, no qual a violência e a força sempre estiveram presentes. Embora aparente ser uma história em que a busca de prazer é um percurso feminino, acaba-se reproduzindo uma visão na qual a cumplicidade feminina está garantida e o domínio permanece centrado na figura masculina.



Como guia de conduta social, o livro não parece ajudar as mulheres que realmente desejam construir relações amorosas ou aspiram à liberação sexual, pois se torna espaço para a justificativa da violência, da destruição da identidade feminina para a submissão em um “jogo de prazer”.

A relação entre os dois passa a ser mediada por mercadorias, que aparecem como “formas de compensação” no jogo do casal. O “treinamento” sexual de Ana vira uma relação de punição e recompensa similar à domesticação animal. O contrato oferecido por Grey tem a aparência de uma relação mediada pela igualdade. Ambos têm direitos e condições a serem informadas e obedecidas. Em nenhum momento, cita-se a condição inicial de desigualdade.

Nisso a autora se afasta do ponto discutido por tantas mulheres escritoras do séc. XIX: a impossibilidade do contrato do casamento em bases românticas. Entre desiguais, não se pode querer ou esperar reconhecimento das individualidades, ou uma parceria. Não se pode ambicionar o relacionamento puro, livre de imposições sociais. Entre desiguais, não há aquilo que Ana deseja desesperadamente: “mais”.

### **3. As Cinzas de Uma Era**

O sexo sempre foi enigma, complexidade, teia toda feita do mistério que alia matéria e espírito. O que nos faz desejar? O que, a partir do outro, faz meu corpo vibrar? A psicanálise busca desvendar algo dessas conexões e há um século tem escutado inúmeras vozes construindo suas fantasias. Uma coisa é certa: o gozo é absolutamente singular e intrincado, ancorado em uma história de vida única, a partir de uma trama de cenas primárias, usualmente inconscientes, que deflagraram as marcas que, gravadas em nossa pele e em nosso inconsciente, nos faz moldar um corpo desejar (LACAN, 1966). Não há regras, nem uniformidades, nem massificações. O masoquismo e seu problema econômico, o sadismo e seu circuito pulsional, os fantasmas inaugurais, fundamentais ou acessórios há muito tem instigado Freud, Lacan e todos os que vieram em seu rastro.



Num primeiro momento, poderíamos imaginar que nosso *Fifty Shades* se insere em uma linhagem *porn* por conter descrições de atos sexuais. Mas a trilogia cinza não rompe com nenhum paradigma, nem de linguagem nem de comportamento; pelo contrário, reitera padrões. Sua forma não é apenas propriamente leve: é sobretudo publicitária. Publicitária no melhor sentido do termo, propagandear, tornar pública uma ideia para o maior número possível de pessoas.

Gota a gota passamos a desejar um maravilhoso príncipe encantado que atenderia pelo nome de Christian Grey. E que teria todos, escandalosamente *todos* os atributos que estão cada vez mais em extinção no mundo da atual masculinidade líquida: um homem estritamente heterossexual, que sabe o que quer e como consegui-lo, que tem a audácia, a inteligência e o senso estratégico de um verdadeiro homem que se faz a si mesmo, empreendedor. Um homem de uma potência extraordinária, sempre pronto para mais uma penetração, real e metafórica, que deseja a sua mulher sempre e mais, e somente ela, e que, ponto crucial, sabe fazê-la gozar sem cessar, sem amolecimentos ou conflitos. Homem cujos 'defeitos' são o ciúme (prova de amor incorruptível) e um certo quê de violência (também altamente idealizada, pois tem como função apimentar o sexo).

A violência nua e crua, derivação efetivamente destrutiva de pulsões arcaicas tanáticas e mortíferas que poderiam se embrenhar no masoquismo estrutural do humano (FREUD, 1924), não entra em jogo no romance; aliás, passa ao largo, mesmo no antagonista malévolo que em algum momento entra em cena. Como isso se dá? Justificando-se a violência: e isso através de um recurso cada vez mais em voga nos tempos atuais, de operar uma derivação de todo o 'mal' para a gênese psicológica do sujeito. Nossa modernidade opera por um estilo afetivo terapêutico pautado pela contínua individualização e psicologização dos conflitos (ILLOUZ, 2011). Infância e constituição de subjetividade machucada, eis a fórmula salvadora de todos os nossos anti-heróis, ao mesmo tempo fragilizados e, mágica, vencedores ao final.



A moeda por onde a magia opera é, e não poderia deixar de ser, a própria moeda. Christian Grey, através de uma determinação de caráter inquebrantável –traço moralista na seiva da melhor tradição protestante– esmera-se no jogo de acumulação do capital e, note-se, na flor de seus 27 anos. Nosso príncipe jovem e belo também ostenta poder e dinheiro incomensuráveis para abarcar a totalidade, indo dos mimos mais previsíveis (o rol levemente cafona dos objetos fetichizados pela massa, como Mac ou Audi) às aventuras mais românticas (igualmente clichês, Mediterrâneo e Aspen).

A moça é perfeita, o homem, idem. E a relação? Surpreendentemente, também. Os três volumes da série vão nos mostrando a maneira mais que perfeita pela qual, a partir dos conflitos iniciais, sempre mais fracos que a força incomensurável da atração física e metafísica que os une, o casal consegue superar suas diferenças e negociar (palavra na ordem do dia) suas vontades e identidades. Projeto bem-sucedido de uma forma de viver? De uma possível nova e revolucionária forma de viver? Sim.

Assim como Mr. Grey é um delírio, Miss Steele é uma ficção e essa relação é improvável. Trata-se de uma fantasia fundamental, ao mesmo tempo arquetípica e atual. Emerge aqui a estrutura ancestral do conto maravilhoso (PROPP, 1984), suturada com as demandas e roupagens contemporâneas. Na falta deste universo, desse gozo invejável em nossas rotinas levemente acinzentadas, consumimos histórias, produtos e serviços que nos ajudem a transformar o que temos em algo que ao menos carregue a marca dessa experiência mágica, legítima filha da saga transcendental de vampiros e demais universos paralelos. Os próprios livros, os filmes que virão, os hotéis, spas, apetrechos que nos ajudarão a montar o cenário. Desvela-se, assim, a estrutura não só de nossa breve trilogia mas de grande parte da indústria da cultura e do entretenimento: um cenário que forja uma montagem fantástica, aqui com instrumentos sadomasoquistas decorando o cenário, para a realização da cena monogâmica, heterossexual, afetiva e romântica por excelência. Enfim, reitera-se a





reconstrução ininterrupta do imaginário da família nuclear moderna que, como não poderia deixar de ser, sustenta o desfecho da trama.

Como vimos no início, a fantasia fundamental que faz cada um deflagrar o seu gozo é absolutamente singular. Por isso, talvez não funcione muito bem usar vibradores ou algemas ou cruces para a massa. Não vai melhorar nossa sexualidade. E, sobretudo: não é essa discussão que está no cerne da saga Cinza, e sim a narrativa de uma história de amor entre seres idealizados. Amor é graça e preparação. Magia do encontro ao mesmo tempo que trabalho de si. De si e do outro. Para poucos? Talvez. Um impasse então se coloca. *Cinquenta tons de cinza*. Amor para as massas. Tentemos.

## Referências

- BAUMAN, Z. Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008. São Paulo: Edusp.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Lisboa: Difel Divisão Editorial, 1989.
- DRYER, R. Only Entertainment. Kindle Edition. London and New York: Routledge, 1992.
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo [1924]. Obras completas. v. 16. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- FUREDI, F. Therapeutic culture: cultivating vulnerability in an uncertain age. New York: Routledge, 2004.
- GIDDENS, A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- HONNETH, A. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- ILLOUZ, E. O amor nos tempos do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ILLOUZ, E. Explaining 'Fifty Shades': how bondage solves the problem of modern love. Spiegel Online, disponível em <http://www.spiegel.de/international/zeitgeist/eva-illouz-explains-how-fifty-shades-of-grey-solves-problems-of-love-a-843644.html>, acesso em agosto de 2013.
- LACAN, J. Kant com Sade. Écrits. Paris: Seuil, 1966.
- MAY, S. Love: a history. Kindle Edition. New Haven and London: Yale University Press, 2011.
- PROPP, V. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense, 1984.
- THOMPSON, J. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.